

Ideias em Destaque

Nº 50 - jul./dez. 2017



Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Sumário

1. INCAER tem novo Diretor7
Marcos Ferreira de Carvalho
2. Horizonte tempestuoso na Rota da Seda 10
Sergio Xavier Ferolla
3. A FAB na Campanha do Atlântico Sul 20
Wilmar Terroso Freitas
4. É Carnaval! ... mas não falta o futebol!.....27
Pedro Luís de Araújo Braga
5. A saga do Campo dos Afonsos.....33
Manuel Cambeses Júnior
6. Sobre a transvaloração de valores nos dias atuais36
Jobber Rocha
7. O pensamento militar brasileiro.....44
Paulo Cesar de Castro
8. Transformando o mundo 53
Afonso Farias de Souza Jr.
9. Coreia – a guerra que nunca terminou56
Guilherme Antônio Dias Pereira
10. Reflexões sobre as armas nucleares no século XXI65
Leonam dos Santos Guimarães

11. A Física e o dever	71
<i>Sérgio Pinto Monteiro</i>	
12. Focke Wulf Fw 58 no Brasil	74
<i>Aparecido Camazano Alamino</i>	
13. Paisagens do passado: o acervo de fotografias aéreas do Museu Aeroespacial	89
<i>Fabiana Costa Dias e Jefferson Eduardo dos Santos Machado</i>	
14. Biblioteca Ten Brig Moreira Lima	110
<i>Nair de Laia</i>	

A FAB na Campanha do Atlântico Sul

Wilmar Terroso Freitas

Nesta oportunidade, em que se comemoram os 77 anos da criação do Ministério da Aeronáutica e sua influência no contexto nacional, cabem algumas considerações sobre o cenário político e militar naquela época, quando se percebia que a evolução do conflito europeu evoluiria para uma guerra mundial.

Naquele cenário, o Brasil se inseria com forças armadas – Exército e Marinha – necessitando de renovação de equipamentos e reestruturação. Precedido de propostas antigas, de mais de dez anos, foi então criado o Ministério da Aeronáutica, em 20 de janeiro de 1941, estabelecendo-se a Força Aérea Brasileira (FAB) como forma de coordenar o emprego de aeronaves no patrulhamento do mar, o que já se visualizava como necessário no conflito que tomava vulto na Europa.

A nova Força enfrentou suas necessidades primárias adquirindo aeronaves, formando pilotos, e mantendo o Correio Aéreo Nacional (CAN) na sua missão de levar o progresso aos limites extremos do País. Ao final daquele ano, em 7 de dezembro de 1941, o Japão atacou Pearl Harbor, assim, oficialmente os Estados Unidos entraram na Guerra e, em 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Eixo.

Como resposta, o Almirante Doenitz enviou o submarino U-507, o qual torpedeou os navios brasileiros Baependi, Araraquara, Annibal Benévolo, Arará, Araripe e a barcaça Jacira, causando 507 mortes em três dias. Outros navios foram afundados no mar das Caraíbas, incluindo ataque a navios americanos no seu litoral.

O batismo de fogo da FAB

Em 18 de maio de 1942, o submarino italiano Barbarigo torpedeou o mercante Comandante Lira, no litoral do Ceará. Quatro dias

Texto na íntegra – Clique aqui

*Wilmar Terroso Freitas é Major-Brigadeiro do Ar Reformado,
Subdiretor de Divulgação do INCAER e Presidente da Associação
Brasileira de Equipagens da Aviação de Patrulha (ABRA-PAT).*



É Carnaval! ... mas não falta o futebol!

Pedro Luís de Araújo Braga

Carnaval e futebol: uma festa popular e um evento, também popular, que tornaram o Brasil conhecido mundo afora. Sem dúvida, caracterizam um povo alegre, irreverente, que sabe sublimar suas dificuldades. O segundo deles – o futebol – leva aos estádios (que hoje chamam de “arenas”) milhares de aficionados, alguns verdadeiros fanáticos, para torcer pelos milionários jogadores do time de sua preferência. O primeiro – o carnaval – faz o Brasil parar durante, no mínimo, três dias para as folias momescas em ambientes fechados (clubes) e nas ruas, nos blocos, que voltaram com toda força e hoje conseguem seduzir milhares de foliões.

Muitos talvez pensem que, pelo seu vulto, ambos, carnaval e futebol, são invenções brasileiras. Puro engano! Só que aqui adquiriram dimensão considerável, sendo aperfeiçoados e capazes de atrair multidões. Envolvem rios de dinheiro, que falta para outras coisas.

Não quero falar muito sobre o futebol, importado da Europa, para onde, hodiernamente, exportamos jogadores, atraídos por somas fabulosas de dólares e por projeção internacional. Torcedor também, mas sem fanatismo, do esporte que meu pai jogou no Andaraí, na época do amadorismo e cujo dom eu dele não herdei, já vivi, como muitos, de febricitante alegria com a conquista de Copas pelo nosso país. Mas me lembro ainda, com tristeza, do dia em que quis quebrar o pequenino rádio de ondas longas, o único que possuía, em 1950 e no Rio Grande do Sul onde morava, quando o Brasil perdeu, no Maracanã recém construído e diante do Uruguai, a Copa do Mundo. E, mais recentemente, outra vez “em casa”, quando foi massacrado pela Alemanha por 7x1, na última Copa. Foi inacreditável! Humilhante! Já ouvi comentários de uma pessoa ligada a esse esporte a dirigentes e outras personalidades do ramo que aquela vergonha – para nós – fora previamente combinada.

Texto na íntegra – [Clique aqui](#)

Pedro Luiz de Araújo Braga é General-de-Exército Reformado, membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).



A saga do Campo dos Afonsos

Manuel Cambeses Júnior

A História nos permite recordar as inumeráveis ações de patriotas decididos e intrépidos precursores da aviação brasileira, que não se intimidaram ante a magnitude do desconhecido, a limitação de recursos, nem os constantes perigos de uma atividade aérea ainda no nascedouro, e que encararam um desafio como a grande obra de suas vidas, a ativação do Campo dos Afonsos.

No início do século XX, um pugilo de notáveis brasileiros e bravos aviadores, movidos pelo nobre ideal de impulsionar a aviação em nosso país, tiveram a benfazeja ideia de criar um local que viesse a alavancar a então incipiente atividade aérea no Brasil.

Em realidade, os Afonsos iniciaram sua centenária trajetória aeronáutica sob o suor de seus valorosos e intrépidos homens, impulsionados pela chama viva do anseio que empolgava seus protagonistas, no sentido de participar intensamente do desenvolvimento da Aeronáutica brasileira, ademais de servir à Pátria até ao ato extremo, sacrificial da própria vida.

Em 1912, o Campo dos Afonsos iniciou a sua brilhante trajetória, quando passou a acolher o Aeroclube Brasileiro, com o objetivo de criar uma escola de aviação para civis e militares. Dois anos depois, ali foi criada a primeira escola nacional de aviação militar, a Escola Brasileira de Aviação (EBA), que teve duração efêmera.

Desde então, através dos tempos, por ali desfilaram emblemáticas aeronaves da era de ouro da aviação: Graf Zepellin, Arc-en-Ciel, Blériot, Boeing, Waco e os famosos P-47, ademais de célebres pilotos que se notabilizaram e se transformaram em verdadeiras lendas, como Ricardo Kirk, Edu Chaves, Saint-Exupéry, Jean Mermoz e Henri Guillaumet.

Texto na íntegra – Clique aqui

Manuel Cambeses Júnior é Coronel-Aviador Reformado da FAB, membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e Conselheiro do INCAER.



Coreia – a guerra que nunca terminou

Guilherme Antônio Dias Pereira

O presente texto busca tecer uma análise da atual situação de confronto na região da península coreana, tendo como protagonistas a Coreia do Norte e os Estados Unidos da América, juntamente com seus atuais aliados da região, a Coreia do Sul e o Japão.

Trata-se de uma área historicamente conturbada, marcada por séculos de lutas intestinas e por sucessivas tentativas frustradas de ocupação desde o Império Mongol. Porém, a atual conjuntura deriva de um mal resolvido conflito, logo após o final da 2ª Guerra Mundial, travado entre o sul da península, até então sob domínio japonês, “libertado” pelas tropas americanas ao final da guerra, e o norte do país, sob influência dos regimes comunistas das vizinhas China e União Soviética.

O conflito iniciou-se com uma bem-sucedida invasão do sul da Coreia pelos comunistas e com a tomada da capital Seul. As forças americanas aquarteladas no sul prepararam sua intervenção sob o comando do General Douglas MacArthur, então responsável pela administração militar do derrotado Japão e de sua antiga zona de influência, enquanto o governo norte-americano pressionava a ONU em busca de uma resolução que fosse favorável à intervenção militar.

A Guerra da Coreia começou efetivamente em 1950 e se arrastou por quase quatro sangrentos anos. Inicialmente, o revide das tropas americanas, sob chancela da ONU, empurrou os comunistas de volta à fronteira com a China. Esta, por sua vez, interveio ao lado da guerrilha comunista coreana de forma não oficial, fornecendo não só armamento de terra e ar, mas igualmente tropas de linha que, mais uma vez, pressionaram as forças da ONU em direção ao sul, ameaçando-as de uma derrota tão fragorosa, que o General MacArthur chegou a cogitar no uso de armas nucleares para deter a enxurrada das tropas comunistas.

Texto na íntegra – [Clique aqui](#)

Guilherme Antônio Dias Pereira é Gestor de Riscos por Modelagem de Sistemas, Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEEx), Colaborador Emérito do Exército e Sócio Titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).





Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
Conectando o passado, o presente e o futuro da cultura aeronáutica
www.incaer.aer.mil.br

ISSN 2175090



9 772175 090728